

# VERBOS AUXILIARES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Aluna: Fernanda Elena de Barros Reis

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – IEL, UNICAMP

Agência Financiadora: PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Auxiliaridade – Português Brasileiro – Verbos

## 1. Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar a questão dos verbos auxiliares no Português brasileiro (doravante, PB) a partir da proposta de classificação de verbos auxiliares e semi-auxiliares para o Português europeu (doravante, PE) de Gonçalves e Costa (2002). Segundo elas, um verbo auxiliar do PE deve apresentar nove propriedades. Somente as construções de *ter* e *haver* seguidos de Particípio Passado apresentam todas elas e, portanto, somente eles podem ser considerados auxiliares no PE.

Visto o fato de alguns outros verbos apresentarem muitas características (mas não todas) de um auxiliar, elas propõem uma escala de auxiliaridade com quatro posições, composta pelos verbos que seriam semi-auxiliares. Uma das diferenças (em alguns casos, a única) que os verbos da segunda à quarta posição da escala apresentam é a possibilidade de apresentar o clítico ligado à forma no infinitivo e não à forma flexionada (o que um auxiliar, como o *ter* seguido de particípio, não deveria permitir).

Mas a colocação pronominal difere do PE para o PB. Segundo as autoras, em PE, o clítico aparece sempre em adjacência ao verbo auxiliar (que é o verbo flexionado), sendo agramatical a ligação do clítico com o verbo principal (não flexionado), conforme ilustram as frases a seguir:

- (1) a. \*O João tinha visto-me no cinema. (PE)  
b. O João *tinha*-me visto no cinema. (PE)  
c. O João não me *tinha* visto no cinema. (PE)

Já em PB, segundo Cyrino (1996), em estudo diacrônico, constata que “o pronome clítico não é mais móvel no século XX – ele fixa-se ao verbo mais baixo”. Assim, em PB atual, mesmo com verbos como *ter* seguido de particípio, temos o clítico ligado à forma não flexionada, em próclise:

- (2) O João tinha me *visto* no cinema. (PB)

Assim, no presente trabalho, olhou-se no corpus do século XIX selecionado as ocorrências de colocação pronominal em construções de verbo flexionado seguido de verbo não-flexionado, quando o verbo flexionado era um auxiliar ou semi-auxiliar do PE.

## 2. Metodologia e Materiais

O método utilizado foi para este estudo foi (i) a revisão bibliográfica sobre o assunto e (ii) a aplicação no PB de testes propostos para se definir um auxiliar no PE. Para os testes que apresentaram problemas e/ou resultados diferentes, buscou-se soluções para aplicá-los e as possíveis implicações das diferenças de resultados.

Para a análise diacrônica, levantou-se primeiramente todas as ocorrências de um verbo flexionado aparecendo com um verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio. Delas, selecionou-se aquelas que tinham colocação pronominal e observou-se como ela era feita de acordo com o verbo flexionado, desde que ele fosse considerados por Gonçalves e Costa (2002) auxiliares e semi-auxiliares.

## 4. Conclusões

Assim, parece que, no século XIX, as construções dos verbos *ter/haver* com o particípio e do verbo *ser* da passiva apresentavam a propriedade “ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar”, não permitindo a ocorrência do clítico em adjacência ao verbo não flexionado. Tal propriedade os diferenciaria dos verbos temporais *ir, vir, haver de*, dos modais *dever, poder e ter de* e dos aspectuais seguidos de *a* e *de*. Não se pode afirmar se as construções de *estar, ir, vir* etc. seguidos de gerúndio apresentavam tal propriedade, mas é possível se pensar que assim era.

Por outro lado, três dados podem indicar que, já naquela época, a obrigatoriedade de adjacência do clítico à forma flexionada talvez não fosse tão forte como é no PE. No PB atual, como já se disse na seção de resultados, parece que o clítico vai estar sempre ligado ao verbo não-flexionado, uma vez que (1) a preferência nesta variedade é pela próclise e (2) o clítico costuma aparecer, numa frase com verbo flexionado seguido de verbo não flexionado, entre os dois verbos (por exemplo, “Ela tem me telefonado muito ultimamente”). Então, pode ser que já no século XIX o verbo *ter* da construção *ter* seguido do particípio estaria perdendo sua possível qualidade de auxiliar.

## 3. Resultados

a) Auxiliares:

<i>Ter/Haver</i> seguidos de particípio	
Próclise ao primeiro verbo	30
Ênclise ao primeiro verbo	11
Próclise ao segundo verbo	1
Ênclise ao segundo verbo	1

b) Primeira posição da escala:

<i>Ser</i> (construção passiva)	
Próclise ao primeiro verbo	21
Ênclise ao primeiro verbo	-
Próclise ao segundo verbo	1
Ênclise ao segundo verbo	-

d) Segunda posição da escala:

Temporais ( <i>ir, vir e haver</i> )	
Próclise ao primeiro verbo	9
Ênclise ao primeiro verbo	1
Próclise ao segundo verbo	6
Ênclise ao segundo verbo	26

e) Terceira posição da escala:

Modais <i>poder e dever</i>	
Próclise ao primeiro verbo	46
Ênclise ao primeiro verbo	5
Próclise ao segundo verbo	1
Ênclise ao segundo verbo	3

Aspectuais seguidos da preposição <i>a</i>	
Próclise ao primeiro verbo	2
Ênclise ao primeiro verbo	4
Próclise ao segundo verbo	-
Ênclise ao segundo verbo	6

f) Quarta posição da escala:

Modal <i>ter de</i>	
Próclise ao primeiro verbo	1
Ênclise ao primeiro verbo	-
Próclise ao segundo verbo	2
Ênclise ao segundo verbo	4

Aspectuais seguidos da preposição <i>de</i>	
Próclise ao primeiro verbo	1
Ênclise ao primeiro verbo	-
Próclise ao segundo verbo	1
Ênclise ao segundo verbo	6

Para se pensar como se deu a mudança essa mudança, pode-se partir, por exemplo, da proposta de Cyrino (1996) de que “(...) houve uma reanálise para a posição do clítico, a partir de sentenças matrizes (*root*) contendo locução verbal, onde a ênclise era possível ao verbo ‘auxiliar’. Assim, ao ouvir sentenças do tipo (11):

- (11) João vai dar-me um livro.

A criança pode ter interpretado o pronome não como enclítico ao verbo “auxiliar”, mas como proclítico ao verbo principal, conforme (12):

- (12) João vai me dar um livro” (pp. 170-171)

Então, talvez, a criança passou a analisar o pronome como proclítico para todos os verbos, inclusive nas construções *ter* seguido de particípio. Tendo o clítico como ligado ao verbo não flexionado, a construção como a do exemplo levantado no corpus que apresenta ligação ao verbo flexionado (“tem lembrado-se”) não seria agramatical, ou pelo menos estava em processo de passar a ser gramatical, para o período em que o texto foi escrito, uma vez que no século XIX a ênclise era bem mais comum que no PB atual (no qual, para alguns, ela pode ser inclusive agramatical).

## Bibliografia

Costa, T & Gonçalves, A. (2002) (*Auxiliar a*) *Compreender os Verbos Auxiliares*. Lisboa: Edições Colibri

Cyrino, S. (1996) Observações Sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: Objeto Nulo e Clíticos. In Kato, M. & I. Roberts (orgs.) *Português Brasileiro: Uma viagem Diacrônica*. Campinas: Editora Unicamp